

Tempo Comum - 32º Domingo

Serra do Pilar, 6 novembro 2016

O teu Nome, Senhor, é Misericórdia
e a Tua ternura vela sempre por nós
não deixes que a maldade nos perturbe e em teu Rosto
faz-nos ver a Paz!

**Senhor nosso Deus, o teu amor será sempre a nossa casa
E o teu olhar, e o teu olhar a nossa salvação,
Senhor, nosso Deus!**

Irmãos:

Os Judeus, e os Gregos também, gostavam muito de imaginar a *vida outra* a partir desta. E nós seguimos-lhes o jeito! Daí esta espécie de geografia do Além: céu, inferno, purgatório, até o limbo, etc.

A cultura moderna, no entanto, exige-nos uma Escatologia completa. Para tal, não podemos deixar na sombra nem o ponto fulcral da nossa Fé, nem o fundamento da nossa Esperança: a Ressurreição.

A Ressurreição não é algo que virá no Fim, a mais, inútil; é uma Vida já presente em nós, desde que Cristo ressurgiu vivo do sepulcro.

Kyrie, eleison!

Christe, eleison!

Kyrie, eleison!

Deus misericordioso tenha compaixão de nós,
perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

Ámen!

Oremos (...)

Senhor, nosso Deus e Pai nosso,
não permitas que ignoremos as interrogações
dos que, à nossa volta, se perguntam
sobre as razões da nossa Esperança.

A Esperança que nos deste,
que não é de mundos e fundos,
seja comunicativa e comunicada
pela Alegria que transborda
nos passos e nos atos da Boa Nova,
o Evangelho do Reino!

Ámen!

Leitura do 2º Livro dos Macabeus (7,1/2 e 9/14)

Naqueles dias, foram presos sete irmãos, juntamente com a mãe. O rei da Síria quis obrigá-los, à força de golpes de azorrague e de nervos de boi, a comer carne de porco, proibida pela lei judaica. Um deles tomou a palavra em nome de todos e falou assim ao rei: *Que vais perguntar, que pretendes saber de nós? Nós estamos prontos para morrer antes que violar as leis dos nossos pais.* Prestes a soltar o último suspiro, o segundo irmão disse: *Tu, celerado, pretendes excluir-nos da vida presente, mas o rei do Universo ressuscitar-nos-á para uma vida eterna, a nós, que morremos pelas suas leis.* Depois deste, torturaram o terceiro. Quando lhe pediram a língua, ele apresentou-a sem demora e estendeu as mãos resolutamente. Depois, declarou com nobre coragem: *Foi do Céu que recebi estes membros: por causa das suas leis vou desprezá-los, e espero recuperá-los de novo no Céu.* Até o rei e quantos o acompanhavam ficaram assombrados com o ânimo do jovem, que não ligava importância alguma às torturas. Depois de executado este último, sujeitaram o quarto ao mesmo suplício. Quando estava para morrer, falou assim: *É preferível morrer às mãos dos homens mas termos esperança em Deus de que havemos de ressuscitar por ele, pois tu, ó rei, não hás de ressuscitar para a vida.*

Canto responsorial (do Salmo 17)

Senhor, ficarei saciado quando surgir a vossa glória!

Ouve, Senhor, uma causa justa,
e atende o meu clamor;
escuta esta minha súplica,
que sai de lábios sinceros!

Venha de ti a minha sentença
pois os teus olhos só veem o que é justo:
sonda o meu coração, mesmo de noite,
submete-me a uma prova de fogo!

Leitura da 2ª Carta de Paulo aos Tessalonicenses (2,15/3,5)

Meus Irmãos: Que nosso Senhor Jesus Cristo em pessoa e Deus, nosso Pai, que nos amou e deu, pela sua graça, eterna consolação e feliz esperança, confortem os vossos corações e os tornem firmes em toda a espécie de boas obras e palavras. Enfim, irmãos, orai por nós, para que a Palavra do Senhor se propague rapidamente e seja glorificada, como acontece no meio de vós. Orai também para que sejamos livres dos homens perversos e malvados, pois nem todos têm fé. Mas o Senhor é fiel: ele vos dará firmeza e vos guardará do mal. Aliás, apoiados no Senhor, nós temos confiança em vós: estais a fazer e continuareis a fazer aquilo que vos mandamos. O Senhor dirija os vossos corações para que ameis a Deus e aguardeis a Cristo com perseverança.

Aleluia!

Jesus Cristo é o primogénito dos mortos.

A ele a glória e o poder pelos séculos dos séculos.

Aleluia!

Leitura do Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas (20,27/38)

Aproximaram-se de Jesus alguns saduceus - que afirmam não haver ressurreição - e fizeram-lhe a seguinte pergunta: *Mestre, Moisés deixou prescrito: “Se morrer a alguém um irmão que tenha sido casado, mas não tenha tido filhos, esse homem deve casar-se com a viúva para dar descendência a seu irmão”. Ora, havia sete irmãos. O primeiro casou e morreu sem filhos. O segundo, depois, o terceiro desposaram a mesma viúva. E o mesmo sucedeu por igual com os sete que não deixaram filhos e morreram. Por fim, morreu também a mulher. Então, de qual deles será ela esposa na ressurreição? É que os sete a tiveram por mulher!* Disse-lhes Jesus: *Os homens deste mundo contraem casamento e as mulheres são dadas como esposas. Mas aqueles que tiverem merecido chegar ao outro mundo e à ressurreição dos mortos não se casam nem elas são dadas como esposas. Na verdade, nem já podem morrer, pois são iguais aos anjos, e, por terem alcançado a ressurreição, tornam-se filhos de Deus. E que os mortos ressuscitam até Moisés o deu a entender no episódio da sarça-ardente: ele chama ao Senhor ‘o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacob’. E não se trata de um Deus de mortos, mas de vivos, porque, para ele, todos vivem.*

Aleluia!

Homilia

Diante da questão que os Saduceus lhe puseram, Jesus foi muito claro: não se podem transferir para a Vida Eterna as condições e dependências desta Vida.

Éskatos é uma palavra grega que significa *aquilo que vem no fim*, isto é, a realidade última. Portanto, a *Escatologia* é aquela parte da fé e da reflexão teológica que se ocupa do que tradicionalmente se chamava os *últimos tempos* do homem e do mundo. É, portanto, uma questão de futuro; mas igualmente do presente da existência cristã, pois que é o Reino que há de vir que fecunda e define a Esperança da existência cristã. Esta é uma das questões fundamentais do Homem: “Que é o homem?; qual o sentido e a finalidade da vida?, qual o caminho para alcançar a felicidade

verdadeira?; que é a morte, o juízo e a retribuição final depois da morte?; finalmente, que mistério último e inefável envolve a nossa existência, que nele tem a sua origem e destino?" - reconhecia o Vaticano II serem estas questões fundamentais a todas as religiões (*Declaração sobre a relação da Igreja com as religiões não-cristãs*, nº 1).

Como o enviado do Pai, Jesus, o Cristo, ensinou-nos que, desde o princípio da nossa existência carnal, estamos abertos a um Futuro que, a partir da ressurreição de Jesus, é já uma realidade, mas que só depois perceberemos na totalidade.

Por isso, nenhuma realidade, seja da fé, seja do nosso ser humano, escapa a esta contínua tensão entre o *já* (da nossa existência) e o *ainda não* prometido aos que acreditarem no Filho de Deus.

Digo uma tensão, esta entre o já e o ainda não. Sempre que há tensão, pode haver para lá e para cá (quem puxa mais pela corda?), e pode partir-se a corda. O mesmo Vaticano II explicava que há os que "pensam que podem descuidar os seus deveres terrenos, sem atenderem a que a própria fé os obriga mais a cumpri-los, segundo a vocação própria de cada um", e há os que pensam "poder entregar-se às ocupações terrenas como se elas fossem inteiramente alheias à vida religiosa". E concluía o Concílio: "Este divórcio de muitos entre a fé que professam e o comportamento quotidiano deve ser contado entre os mais graves erros do nosso tempo" (*Gaudium et Spes*, 43).

Por isso, para nós, os cristãos, é fundamental esta questão do nosso fim último, pela qual passamos tão distraidamente quanto distraidamente recitamos aquelas palavras do Credo: [Creio em Jesus Cristo], Senhor que há de vir a julgar os vivos e os mortos, [creio] na ressurreição da carne e na vida eterna.

Sabemos todos que não há nenhum setor da teologia mais "sujeito a armadilhas" e às fantasias da imaginação, mais vulnerável ao gosto do fantástico e do maravilhoso, mais contaminado e desnaturado pelas mitologias e por uma ideia dualista do homem (corpo + alma), frontalmente oposta à concepção bíblica. A ideia do «além» - céu, inferno e purgatório - tem sido muitas vezes o triste ponto de encontro de projeções ilusórias da angústia humana, desesperadas ou confiantes. Dizer que "o inferno são os outros" ou que só o céu apagará todas as injustiças, nomeadamente as que espezinham e matam os pobres, é quase a mesma coisa.

Hoje em dia, muitas destas representações já não merecem crédito à maioria dos cristãos. Mas, retirada esta linguagem cultural, e histórica, portanto, fica alguma coisa? Ou seja: é melhor conservar as antigas formulações que, apesar de tudo, veiculavam conteúdos válidos, ou é mesmo necessário formulá-los numa linguagem nova e diferente?

Aprendemos mais ou menos todos na Catequese que os fins do homem eram a morte, o juízo, o inferno e o paraíso, e que a morte era a separação do corpo e da alma. Nessa concepção, a alma deixava o corpo e emigrava, quer para o céu quer para o inferno, talvez temporariamente para o purgatório, depois de um primeiro julgamento de Deus - *juízo particular* -, levado a cabo talvez por um ministro da justiça, S. Miguel, que pesava as almas e as despachava em consequência. Entretanto, o corpo material desaparecia, por corrompido. No fim do mundo, Deus juntaria os bocados - como?, donde? - e haveria a ressurreição geral dos corpos. Era a altura do *juízo universal*. Nessa altura, desapareceria então o purgatório, ficando apenas para sempre o céu e o inferno, a bem-aventurança e a condenação eternas.

Assim sendo, cada um devia ocupar-se — com cautela! — da *sua* salvação. Claro que haveria também o fim da história e, nessa altura, Cristo voltaria (numa segunda vinda), mas desta vez não a anunciar a Boa Nova, mas exatamente o contrário, “a julgar os vivos e os mortos”, coisa que se chamava a Parusia. Não haveria mais este mundo, mas um outro, eterno e radicalmente diferente deste.

Mas tudo isto apontava apenas os percursos individuais: era uma questão minha e tua, e dele... Importante era cada um viver cristãmente neste mundo e, deste modo, preparar-se para ter uma boa morte. Assim se evitava o inferno e merecia o céu. A vida cristã não era uma arte de bem viver, antes a preparação de um bem morrer. Além disso, enquanto vivos, socorriamos fraternalmente as almas do purgatório, com missas de preferência e indulgências, pois que assim se lhes abreviava o tempo de cativeiro ou castigo.

Claro que esta evocação dos novíssimos, tal qual era feita não há muito tempo, é algum tanto caricatural. Mas é a que vigora ainda, confessemos!, embora lhe reconheçamos deficiências graves.

Com ela desaparece, no entanto, a importância real deste “Povo a caminho” - de quê?! As recentes reflexões filosóficas e antropológicas,

mesmo as cristãs, ultrapassaram por completo a visão dualista grega, segundo a qual cada homem era a soma de dois elementos diferentes, o corpo e a alma, assim a modos de um *pingo* que se faz com uma mistura de café e de leite, sem que nenhum destes elementos deixe de ser o que é.

É preciso, portanto, fazer uma leitura mais correta e mais fiel do misterioso ou misterioso futuro do Homem e do Mundo na perspectiva da Revelação. Não é fácil a tarefa. Os próprios teólogos, os maiores, ainda não afinam completamente acerca deste assunto. Mas é já possível corrigir erros de perspectiva e afirmar, de maneira mais correta, as grandes certezas e os grandes eixos de toda a reflexão cristã sobre o Futuro do Homem e do Mundo.

Com o domingo de hoje, a Liturgia começa a celebração da Escatologia cristã (que de algum modo já se preanunciava nos domingos imediatamente anteriores), que se prolongará até ao fim do ano litúrgico e por todo o tempo do Advento que se aproxima.

As nossas preces e o nosso viver nos ajudem a olhar serenamente "esse dia e a essa hora que ninguém conhece, nem os anjos do céu, nem o Filho; só o Pai" (Mc 13,32).

Preces

Quando Eu for levantado da terra, atrairei tudo a mim!

"Em verdade vos digo: não ficará pedra sobre pedra: tudo será destruído" (Mt 24,2).

"As forças celestes serão abaladas. Vereis então o Filho do Homem vir numa nuvem com grande poder e glória" (Lc 21,27).

"Quanto a esse dia e a essa hora, ninguém os conhece: nem os anjos do céu, nem o Filho; só o Pai" (Mc 13,32).

"Na Casa de meu Pai há muitas moradas. E quando eu tiver ido e vos tiver preparado lugar, virei novamente e hei de levar-vos para junto de mim, a fim de que, onde eu estou, vós estejais também" (Jo 14,2).

"O rei dirá então aos da sua direita: *Vinde, benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do Mundo*" (Mt 25, 34).

Oração final

Oremos (...)

De ti, ó Pai,
pelo teu Verbo que baixou ao mundo
e pelo Espírito que nos santifica
e nos torna Templos de Deus, recebemos a Vida.
Que a força que de ti nos veio
esteja em nossos corações
a fim de que, com coragem e desassombro,
com alegria e simplicidade,
anunciemos e testemunhemos por toda a parte
o Evangelho da Vida.
Pelos mesmos Jesus, teu Filho e nosso Irmão,
e pelo Espírito Santo.

Ámen!

Final

**Louvai ao Senhor, todas as nações
Aclamai-o todos os povos!**

É firme a sua misericórdia para conosco,
a fidelidade do Senhor permanece para sempre.

LEITURAS DIÁRIAS

2ª-feira: Tit 1, 1-9; Sl 23; Lc 17, 1-6
3ª-feira: Tit 2, 1-8.11-14; Sl 36; Lc 17, 7-10
4ª-feira: Tit 3, 1-7; Sl 22; Lc 17, 11-19
5ª-feira: Flm 7-20; Sl 145; Lc 17, 20-25
6ª-feira: 2 Jo 4-9; Sl 118; Lc 17, 26-37
Sábado: 3 Jo 5-8; Sl 111; Lc 18, 1-8